

Luciano Caetano da Rosa (Berlim)

Frei Manuel do Cenáculo, o Pedagogo, revisitado...

«Revisitar» Cenáculo não é tarefa fácil: a dificuldade reside não só na imensidão da obra, como no também não menos difícil acesso a ela, sem esquecer várias contradições e aspectos menos claros que subsistem até hoje nessa vida e obra, conforme nos confessam alguns críticos que a Cenáculo dedicaram monografias altamente documentadas.

Este ensaio consta de três partes, a saber:

- um conspecto ou visão sobre o *Iluminismo* como movimento europeu nos seus principais pressupostos, em primeiro lugar;
- alguns aspectos do *Iluminismo* em Portugal, seguindo a lição de Saraiva / Lopes, em segundo lugar;
- a figura de Cenáculo, seguidamente, uma autêntica «éminence grise» de Pombal durante mais de quinze anos de trabalho conjunto, seguidos de 25 anos de bispado em Beja e, finalmente, durante *grosso modo* uma dúzia de anos como arcebispo em Évora. É uma vida que se consome em grande parte numa actividade ora professoral ora pastoral, mas que teve sempre muito presente o pedagogo em três vertentes: o professor universitário em Coimbra, o reformador religioso e pedagogista dos estudos em Portugal no quadro da reforma pombalina, enfim, o ciropedista ou preceptor do príncipe.

1. O *Iluminismo* na Europa

O conceito de *Iluminismo* / *Ilustración* / *Lumières* / *Enlightenment* / *Aufklärung* envolve uma problemática vasta na sua extensão, profunda na intensidade da análise e do raciocínio, diversificada nos campos de aplicação, diferenciada nos métodos e objectos de estudo. A todos os domínios deve presidir a razão, a razão humana autónoma como única instância com capacidade decisora para a instauração da verdade em sentido epistemológico e do agir moral dos indivíduos e das sociedades em sentido ético. O início do movimento pode situar-se, segundo proposta relativamente recente de Lepenies (Lepenies 1976: 10-11) na obra *Entretiens sur la Pluralité des Mondes* de Fontenelle (1686) e

estender-se até 1789, até à *Revolução Francesa*, embora não seja de desconsiderar a permanência dos seus efeitos nos tempos do Romantismo europeu.

Tal movimento estende-se, pois, desde finais do século XVII pelo século XVIII adentro e permanece actuante no primeiro quartel do século XIX, embora muitos dos seus pressupostos intelectuais já venham do século XVII, de Fontenelle segundo Lepenies, talvez mesmo, pelo menos em parte, do *Renascimento*. Bastaria lembrar Francisco Sanches, autor do *Quod Nihil Scitur* (meados do séc. XVI) ou o papel da experiência em Duarte Pacheco Pereira ou mesmo em Camões, o saber «de experiência feito», raízes do Iluminismo português. O Iluminismo concretiza a crítica racional à autoridade cega, tudo se podendo submeter à livre examinação, desde normas e tradições até às instituições vigentes.

Os pressupostos intelectuais do movimento europeu emergem em Inglaterra nos escritos de Sir Francis Bacon com o seu *Novum Organum* (1620), sobretudo com a mudança de paradigma que representa a revalorização da experiência, conceito central no novo método experimental com suas quatro fases («theoria» ou observação, formulação da hipótese, experimentação e formulação da lei como regularidade de ser e de agir).

Esta nova qualidade do saber científico, com sua base empírica imprescindível, vai amadurecer progressivamente em numerosos campos do conhecimento e estende-se da Inglaterra à França e à Holanda, até ao seu remate na Alemanha, no período do Sturm und Drang (Tempestade e Impetuosidade).

No campo do Direito e da Política, é de referir Hugo Grotius¹ (1625) com *De iure belli ac pacis*, Samuel Freiherr von Pufendorf² (1672) com *De iure naturae et gentium* e sua influência na Constitui-

1 Hugo Grotius, aliás, Huigh de Groot, jurista e político holandês. Nasceu em Delft (*10.04. 1583) e faleceu na Alemanha, em Rostock (28.08. 1645). Ensinou em Paris e Hamburgo. É autor de obras fundadoras da ciência do Direito Internacional. Na obra supra-citada *Do Direito à Guerra e à Paz*, baseia na Razão certas regras da convivência dos povos. O acordo a que se chegou na Paz de Vestefália em 1648 e que terminou com a guerra dos 30 Anos foi influenciado pelo seu pensamento jurídico.

2 Samuel Pufendorf (*Dorf-Chemnitz, 08.01. 1632; †Berlim, 26.10. 1694), representante significativo do Absolutismo esclarecido na Prússia. Fez basear o Direito Natural e das Gentes nos ideais humanistas da liberdade e da dignidade, postulando uma diferenciação jurídica entre Igreja e Estado.

ção do Estado prussiano, sobretudo nos capítulos da liberdade e da dignidade individual, Christian Thomasius³ (1688/89) com a revista *Freimütige Gedanken* e a teorização dos direitos individuais, o empenhamento pela tolerância, por um processo penal mais humano, pelo fim da caça às bruxas e da tortura de mulheres pela Igreja.

Descartes (1637), na área filosófica, afinará o método de pensamento na obra famosa e sempre muito estudada *Discours de la Méthode* postulando «ideias claras e distintas» e a dúvida como método de descoberta da verdade (Francisco Sanches vale, nalguma medida, como precursor da dúvida metódica) e Thomas Hobbes, com *Leviathan* (1651), apresentará uma Teoria Geral do Estado, uma reflexão sobre o poder e sobre a natureza humana (*homo hominis lupus*).

Em seguida, é importante John Locke (1690) com *Essay on Human Understanding*, fundador do Empirismo (já que, segundo ele, todo o saber repousa na experiência) e uma Teoria do Estado liberal em *Two Essays on Government*.

No campo da Física e da Matemática, é incontornável o espírito universal de Isaac Newton.

Em seguida, seria de relembrar, no domínio da História, Pierre Bayle⁴ (com o seu *Dicionário Histórico e Crítico* (1695-97) (um dos muitos autores citados por Cenáculo em relatórios da *Real Mesa Censória*), Charles de Montesquieu com a separação dos poderes em *L'Esprit des Lois* (obra, aliás, censurada pela *Mesa*) onde se analisam os vários tipos de regime estadual (monarquia, democracia, despotismo), já com as utopias satíricas swiftianas no horizonte (1726).

No campo literário e filosófico, Johann Christoph Gottsched é autor de uma literatura alemã baseada em princípios racionais (*Versuch einer critischen Dichtkunst*, 1730), Alexander Pope publica *Essay on Man* (1733/34), David Hume (1740), empirista importante, escreve *On Human Understanding*. Fielding publica *Tom Jones*, romance realista e social.

3 Christian Thomasius (*Leipzig, 01.01. 1655, †Halle, 23.09. 1728) fez derivar os direitos individuais da sua Teoria do Direito Natural.

4 Pierre Bayle (*Carlat 18.11. 1647; †Roterdão, 28.12. 1706) figura de proa do Iluminismo e fundador de uma historiografia crítica baseada nas fontes. Acreditava que os princípios morais são independentes da religião. Defensor do ateísmo, declarou a ciência e a fé incompatíveis. Os problemas éticos só são solúveis pela razão. O seu dicionário (1741-1744) foi traduzido para alemão por J. C. Gottsched.

No campo da Medicina, Julien Offroy de La Mettrie funda a Medicina empírica, explicando os fenómenos espirituais e psíquicos pela Mecânica e pela Fisiologia. Entre 1751 e 1772, surge essa imensa síntese do conhecimento humano que é a *Encyclopédie* de Diderot e D'Alembert. Claude Adrien Helvetius, filósofo materialista, publica *Discurso sobre o Espírito Humano* (1758) (mais uma obra censurada pela Mesa), escrito no qual expõe uma utopia onde os interesses público e privado seriam idênticos.

Enfim, chegamos a Voltaire cujo nome, por vezes, personifica por antonomásia o século — *Século das Luzes* ou *Século de Voltaire*. Razão, cultura, progresso, tolerância, liberdade de pensamento contra qualquer forma de fanatismo e arbitrariedade, justiça social, libertação dos servos, bem-estar social, eis aí um punhado de ideias fortes nos escritos deste «francês da Prússia».

Depois de Voltaire, e para encurtar esta já vasta plêiade, lembraríamos talvez ainda o Jean-Jacques Rousseau do *Contrato Social*, também criticamente aceite por Cenáculo, o Lessing do *Nathan der Weise*, peça de teatro em que se tematiza a tolerância entre três grandes religiões (Cristianismo, Judaísmo e Islamismo), enfim, o Immanuel Kant (1742-1804) do «imperativo categórico», máxima ética com função reguladora na intersubjectividade e no equilíbrio psicossocial. Immanuel Kant escreve na sua *Conisberga prussiana* em 30 de Setembro de 1784 o célebre artigo em que dá uma definição lapidar de «Aufklärung», publicado no número de Dezembro de 1784 da revista *Berlinische Monatsschrift*. À pergunta: O que é o Iluminismo?, *Was ist Aufklärung?*, o filósofo responde:

Aufklärung ist der Ausgang des Menschen aus seiner selbstverschuldeten Unmündigkeit. Unmündigkeit ist das Unvermögen, sich seines Verstandes ohne Leitung eines anderen zu bedienen. Selbstverschuldet ist diese Unmündigkeit, wenn die Ursache derselben nicht am Mangel des Verstandes, sondern der Entschliebung und des Mutes liegt, sich seiner ohne Leitung eines anderen zu bedienen. Sapere aude! Habe Mut, dich deines eigenen Verstandes zu bedienen! ist also der Wahlspruch der Aufklärung (Bahr 1974: 9).⁵

-
- 5 «O Iluminismo é a saída do homem da menoridade em que se encontra por culpa própria. Menoridade é a incapacidade de utilizar o próprio entendimento sem orientação de outra pessoa. Esta menoridade tem culpa própria quando a causa da sua existência não reside na falta de entendimento, mas sim na falta de decisão e de coragem de se servir do próprio entendimento sem orientação de terceiros. Sa-

O Iluminismo é popularizado por revistas que postulam a tolerância e se nutrem da crença no progresso, orientando o racionalismo para as Ciências da Natureza. Os impulsos deste vastíssimo e matizado movimento europeu fazem-se sentir nos promotores da independência americana (lembramos tão só o anti-esclavagista Benjamin Franklin, famoso inventor do pára-raios), influenciam os homens da *Revolução Francesa*, chegam ao *Despotismo Iluminado* ou *Esclarecido* e prolongam-se até ao *Romantismo* e ao *Liberalismo* do século XIX. O *Iluminismo* impõe-se por três vias: pelas Ciências, pelo Direito positivo e pela Economia. Pelas ciências com a nova concepção do mundo, com escolas, educação, instrução e entendimento que leva à explicação do mundo e à apropriação científica do mundo. Pelo Direito positivo constitucional e com reformas sociais, críticas à Igreja e ao Estado questionando-se ora a ideia de *Criador*, ora a origem divina do poder estatal. Daí, a liberdade individual nas esferas temporal e espiritual. Enfim, pela Economia, através das manufacturas, do mercantilismo, da revolução agrária, das mudanças na estrutura social com trabalhadores e aprendizes, com camponeses nas cidades e com cidadãos empresários. Por estas três vias resulta uma mudança na posição do homem no mundo e perante a natureza.

2. O Iluminismo em Portugal

A influência do Iluminismo em Portugal nos reinados de D. João V, D. José e D. Maria I vai tocar numerosos ramos do saber científico e humanístico, assim como inspirar grandes reformas, nomeadamente no campo pedagógico, a reforma dos Estatutos da Universidade de Coimbra em 1772.

Desde o experimentalismo de Bacon, passando pelo cartesianismo filosófico e matemático, pela Física de Newton, pelo sensorismo de John Locke até ao direito das gentes postulado por Pufendorf, entre outras referências fortes, o Iluminismo português tem aí algumas bases seguras para actualizar ideias e conceitos, rever os procedimentos e as normas, ensaiar novas abordagens, aplicar novos métodos e novas técnicas, atingir maior eficácia na ordem social, enfim, realizar um esforço exaustivo de renovação cultural abrangente.

Como denominador comum a todos os saberes estão as luzes da razão que iluminam progressivamente os recantos do conhecimento, eliminando as trevas da ignorância, do erro e do preconceito.

Seguindo livremente uma síntese proposta por António Ferreira de Brito (Machado 1996: 523-526), o Iluminismo recusa a barbárie e o irracionalismo, cultiva um certo desprezo pela Idade Média, *Idade das Trevas* por oposição às *Luzes*, desenvolve a mentalidade do livre exame apoiado por monarcas esclarecidos das «nações polidas». Os poderes das luzes naturais são considerados ilimitados e com o tempo desvenderão os mistérios da existência, da vida, do espaço e do tempo. O progresso sem limites parece possível, podendo acabar por trazer a felicidade aos povos e aos indivíduos com a eliminação do fanatismo e da intolerância no reino cadaveroso da estupidez.

A filosofia de Aristóteles e a Escolástica ficam sujeitas à mentalidade crítica e ao exame da razão ou são postas de lado e substituídas pelo método científico-experimental e pelo espírito geométrico. Os direitos nacionais, civis e religiosos, serão mais bem defendidos perante as pretensões da Igreja Apostólica-Romana e por toda a Europa há movimentos desta natureza (galicanismo, josefismo, ...). Em Portugal, tal tendência tem alguma tradição (pense-se, por exemplo, no Beneplácito Régio no tempo de D. João V) e é designada entre nós por *regalismo*, sendo implementada com firmeza por Sebastião José de Carvalho e Melo, contra os jesuítas, contra as tendências ultramontanas, contra qualquer opositor.

No reinado de D. João V, os iluministas portugueses são frequentemente nobres, diplomatas, políticos, um ou outro militar:

D. Luís da Cunha, José da Cunha Brochado, Alexandre de Gusmão, o 4º Conde de Ericeira, Martinho de Mendonça de Pina e Proença, Manuel de Azevedo Fortes, Sebastião José de Carvalho e Melo, quase tudo gente com grande vivência do estrangeiro. Outros como o Cavaleiro de Oliveira ou o médico Jacob de Castro Sarmiento vivem fora, exilados. O rei fomenta uma política de bolsas no estrangeiro e atrai ao reino professores de nomeada.

A figura central neste primeiro período é, todavia, Luís António Verney, com a sua obra famosa *Verdadeiro Método de Estudar*, o qual recebe uma «particular ordem» por parte de D. João V, a de «iluminar a nossa nação» e ajudar o país a recuperar do atraso secular através duma vasta e profunda reforma pedagógica.

Com a morte de D. João V e o terramoto de 1755, entre outros factores, deparam-se condições favoráveis a Sebastião José de Carvalho e Melo para que se afirme progressivamente como a figura cimeira nos negócios da nação, adaptando o absolutismo do reinado anterior a um despotismo esclarecido. Note-se, como ironia da história, que foram três padres jesuítas quem terá exercido uma influência preponderante na escolha de Sebastião José para Primeiro Ministro. Foram eles o Pe. João Baptista Carbone, o Pe. José Moreira e o Pe. José Ritter. Sebastião José vai prescindir de Verney e corta com uma parte da nobreza que persegue barbaramente — episódio dos Távoras —, assim como persegue cruelmente os jesuítas — exemplo: Pe. Malagrida — e os expulsa, assacando-lhes todas as culpas do estado em que o país se encontra. A *Sociedade de Jesus* será extinta em grande medida pela sua acção a nível nacional e internacional. Rodeia-se, então, de uma série de colaboradores para as reformas que pretende levar a cabo. Entre eles está D. Frei Manuel do Cenáculo, ao lado do cardeal Saldanha, do Bispo Bulhões, do grande latinista Pe. António Pereira Figueiredo, de José Seabra da Silva, do editor Paglierini, do padre francês Platel, de Sachetti Barbosa e de mais alguns. Este período do reinado de D. José e do consulado de Pombal coincide com o que Saraiva e Lopes (1996) consideram o segundo período do Iluminismo português. O terceiro período começa com a *Viradeira* e situa-se no reinado de D. Maria I, tendo como expoentes mais importantes o Duque de Lafões e o Abade Correia da Serra, criadores da Academia Real das Ciências (24.12. 1779).

Sebastião José de Carvalho e Melo torna-se, no reinado de D. José, e no dizer do saudoso mestre Manuel Antunes S.J. em «Primeiro Ministro fac totum de um Monarca absoluto fac nihil».⁶ Ocupar-nos-emos doravante de Cenáculo, figura importante no consulado de Pombal como pedagogo nas três vertentes acima apontadas.

3. Cenáculo

Chama-se Manuel Martins, filho de gente humilde. A sua iconografia não é problemática. Nasceu em Lisboa no ano de 1724. Estudou com os Oratorianos para em seguida ingressar na Ordem Terceira de São Francisco como Frei Manuel do Cenáculo e a partir de 1740 frequenta

6 Antunes, Manuel, em: *Como interpretar Pombal?* (1983: 134).

Teologia na Universidade de Coimbra. Doutorar-se-á no ano de 1749 em Teologia na Lusa-Atena onde dará ainda dois cursos no Colégio de São Pedro antes de partir para Roma em 1750. Aí assiste a um capítulo da sua Ordem.

O contacto em Roma com gente arribada de muitas latitudes vai despertar-lhe os sentidos para as novas realidades culturais em curso na Europa de então, sobretudo as ideias iluministas que marcarão de forma duradoura boa parte da sua acção futura como reformador e pedagogo, como iluminista católico-eclético onde se detectam influências díspares que passam por Bossuet, Raimundo Lulo, alguma tolerância para com o Jansenismo, enfim, um marcado regalismo na defesa do que julga constituir o interesse da igreja nacional. Em 1751 regressa a Coimbra e logo nesse ano dá à estampa as *Conclusiones de Logica* onde introduz a língua grega em teses académicas, perfilhando a influência de Jacob Brücker⁷ ao usar a História crítica como prope-dêutica filosófica. Entre 1751 e 1755 ocupa uma cátedra em Coimbra e só em 1755 regressa a Lisboa.

Na capital é já notado por Pombal e vai sucessivamente ou em simultâneo assumir cargos de responsabilidade cada vez maior: torna-se cronista dos Franciscanos, capelão da Armada, Provincial dos Franciscanos e, em 1768, é deputado da *Real Mesa Censória*. Reforma os estudos na Ordem dos Franciscanos (*Disposições do Superior Provincial* com data de 1769) avançando com novos métodos e novas propostas de reforma do ensino. Faz a apologia de Luís António Verney, combatendo os métodos escolásticos dos jesuítas e o ensino elitista destes.

Enquadra seguidamente a *Junta de Providência Literária* e o *Subsídio Literário*, tudo organismos com papel relevante nas reformas em curso. Influenciará, com outros, a reforma magna da época, a saber: a reforma dos Estatutos da Universidade de Coimbra de 1772 e participará muito concretamente na reforma dos estudos de Teologia.

Ainda em 1769, Cenáculo é nomeado confessor de D. José, Príncipe da Beira, neto do rei D. José e filho da futura rainha D. Maria I. Em 1770, recebe o episcopado pacense (ou seja, de Beja, que não o de Badajoz) por influência directa do rei junto do papa. Parece que é por

7 Jacob Brücker (1696-1770) é autor de duas obras célebres: *Historia critica philosophiae a mundi incunabilis ad nostram usque aetatem deducta* (Leipzig 1741-1744) e *Institutiones historiae philosophiae* (Leipzig, 1747).

esta altura que é onomasticamente nobilitado, juntamente com a púrpura episcopal, acrescentando-se ao seu nome o de Villas-Boas.

Como amigo indefectível de Sebastião José de Carvalho e Melo, sabe de imediato aproveitar nos anos seguintes as suas competências nas presidências da *Junta da Providência Literária*, da *Real Mesa Censória* e da *Junta do Subsídio Literário*. Além de confessor, é escolhido para preceptor de D. José, o príncipe da Beira e futuro príncipe do Brasil.

Cenáculo é destinatário de muitas honrarias e, por vezes, o seu nome vem mencionado com uma série de epítetos, como, por exemplo: D. Frei Manuel do Cenáculo, Do Conselho de Sua Magestade, Bispo Eleito de Beja, Mestre e Confessor do Príncipe Nosso Senhor, Presidente da Real Mesa Censória, Capellão Mor das Armadas Reaes, Definidor Geral de toda a Ordem de S. Francisco, Ministro Provincial, e servo da Terceira Ordem da Penitência nestes reinos de Portugal, Algarves, etc. É evidente que as violências de Pombal não lhe terão passado despercebidas, nomeadamente nas medidas tomadas contra o bispo de Coimbra, D. Miguel da Anunciação, para apenas referir um exemplo concreto. Parece-nos, todavia, que Cenáculo estaria mais interessado em levar a cabo a sua obra, no quadro da Ordem Terceira, sem se preocupar muito com os métodos cruéis do Marquês em actos execráveis cometidos contra os jesuítas e sem esquecer as violências contra uma parte da nobreza.

Com a morte de Pombal em 1777 e o surto da Viradeira, Cenáculo entra finalmente na sua diocese de Beja onde permanecerá 25 anos, até 1802. Aqui funda uma biblioteca episcopal que chegou a ter 9.000 volumes e uma *Academia Eclesiástica* onde se ensinavam muitas matérias teológicas e filosóficas, línguas clássicas e orientais, assim como criou o primeiro *Museu Público de História Natural*. Além disso, tentou como bom iluminista, fomentar a agricultura em meio rural. Para tanto, mobilizou cerca de 500 pessoas para arrotear os campos e agricultá-los nas comarcas de Beja e Ourique, pondo em prática ideais iluministas. Humanista erudito, interessou-se pelas línguas orientais dominando algumas (árabe, siríaco, hebraico, além das clássicas latim e grego) dedicou-se a muitas ciências, nomeadamente às auxiliares da História como a Arqueologia, a Numismática e a Paleografia. As pedras das escavações realizadas no Baixo Alentejo podem ser vistas ainda hoje no Museu de Évora. A sua acção na fundação de Bibliotecas permanece proverbial até aos nossos dias. Cria a biblioteca do

Convento de Jesus em Lisboa, embrião da futura *Academia das Ciências*. Faz generosas doações em livros. Propõe a Pombal que a biblioteca da *Mesa Censória* se torne pública. A *Biblioteca Pública de Lisboa* tornar-se-á naquela que é hoje a *Biblioteca Nacional*. Em 1802 é nomeado arcebispo de Évora onde permanecerá até à morte em 1814. Também aqui funda uma Biblioteca Pública para a qual escreve um regulamento modelar, conseguindo salvar os livros do saque durante a invasão de Évora pela soldadesca francesa. Em duas páginas do seu *Diário*, podemos ver exactamente quando se refere à criação desta Biblioteca Pública de Évora, ou seja, no dia 25 de Março de 1805, há, portanto, 200 anos.

As duas páginas do fragmento datam de 1805 e referem, na seguinte passagem, a fundação da *Biblioteca Pública de Évora*:

Na 2ª feira, 25 de Março, Anunciação de Nossa Senhora, fui pôr o 1. livro nas estantes da minha Livraria e foi o 1. Livro que pus o 1. Tomo da Poliglota de Ximenes [...]; mandei abrir um caixote e o primeiro Livro que abri e li foi a Évora Gloriosa, o que me pareceu coisa de reflectir.⁸

Cenáculo tinha 81 anos quando escreveu este texto. A sua caligrafia é linear e, em geral, bastante legível. Noutros pontos do *Diário*, Cenáculo aproveitou todos os cantinhos das folhas onde escreveu, com letra miudinha, mas penosa de decifrar.

De acordo com D. Francisco Peres Bayer, arcediogo da Catedral de Valencia, Mestre dos Infantes de Espanha e Bibliotecário-mor da *Real Biblioteca de Madrid*, que em 1782 permaneceu alguns dias em Beja, a biblioteca do bispo pacence era verdadeiramente grandiosa:

Desde allí me condujo su Illma à su libreria. Són tres piasas mui capases, todas llenas [...]⁹

Peres Bayer tece comentários às valiosíssimas espécies bibliográficas e manuscritos que ali viu, calculando uma quantidade de 33.424 volumes. Os transportes da biblioteca, do medalheiro e dos achados arqueológicos para Évora enriqueceram infinitamente esta cidade, empobrecendo irremediavelmente Beja.

Em 1812 é nomeado membro da *Real Academia das Ciências*. Morre em 1814, tendo os últimos anos da sua vida sido um tanto atribulados.

8 *Diário*, no dia 25 de Março de 1805.

9 *Diário* de Peres Bayer em *O Archeologo Portuguez*, vol. XXIV apud Viana (1952a: 3).

No 5º ju. 7 de dezembro Cap. e Juiz Mating da
Imunidade Coniã na Sa = No 188º ap. 1º
de mais Pontifical a Missa e sermão. Deu
Vino p. 1º. ~~comparta~~ e foi Levar o Bai-
nel do 1º. Andor ~~entre~~ do outro, no templo
e chocolate na fronteira da Prisão por
lar o Orço da 1ª e 2ª e Muro e fetejo de 100
o Annuerario da Salva de Lgo. e em
o anno 1888 1000/ 1000/ 1000/ 1000/ 1000/ 1000/
da 1ª de 1000/ 1000/ 1000/ 1000/ 1000/ 1000/

1805 Na Col. 8 de Fevereiro de 1805. Carta 12
então autografa e tanta da nova fôrma

No 4º f.º. Lei de Maria Lúcia de Santa Clara
e Bernardino Soares de Brito e Silva, c.º 10.
Eram fui abito em anno passado 7º governo
Caro do Sr. J.º que vem de logo p.º o l.º

[illegible]

madeira
Pinho
 25 de Abril Arrombado de Abreu
 Lencina foi por 1.^o fainha e fainha de m.
 Lencina fainha 1.^o fainha por 1.^o fainha
 Poliglotal de xombrês, e com o nome de Vagor
 geral com legados, e fainha de fainha
 de

Leigral q' outro bonny, e outro q'ito bonny delianno
 Vagata impressa m' obernant' em barry: ma
 dei abri terna capote, e p'ront' q' uoq' uoq' e
 Li fo a waga glorioza, q' me p'oneu a de
 reflector.

Fui berrany Plamo: nad dy'e Alieko.

Ma 5º p. lante onre de acubil, tond' Edo
 a Mating m' 4º p. / nad celestia del Brito:
 cal pely depostory de Parceury entre abri
 e quillomary: celestia na m' apeli, com-
 mingui aq' my clery. o Bippo Provisor
 Edin benried q' bantoy Oler na mas-
 m' capellay.

Fui a Mating em a quadsfr. de bany,
 e na quid' a p. lante.

Fui a Provisor do berrany del Brito
 lante a m' lante em lante.

Nad celestia na 5º p. / p' m' la p'oppe
 aq' uoq' uoq' e lante a quadsfr. de bany
 e nad p'oppe de lante aq' uoq' uoq' e lante

estoy p'oppe entre lante, que m' p'oppe
 fust' a lante a p'oppe de lante como
 no fust' a lante de lante de lante de lante

de nad de lante de lante de lante de lante
 aq' uoq' uoq' e lante de lante de lante de lante

a lante p' m' lante de lante de lante de lante
 a lante de lante de lante de lante de lante

da lante na lante de lante de lante de lante
 na lante de lante de lante de lante de lante

1º. P' 2º. de lante de lante de lante de lante
 lante de lante de lante de lante de lante

lante de lante de lante de lante de lante
 lante de lante de lante de lante de lante

Entre as suas obras principais, contam-se *Memórias Históricas do Ministério do Púlpito*, de 1776. É um tratado de Eloquência e Oratória sacras segundo o gosto da época — a simplicidade e o gosto do real, com uma bibliografia dos livros por onde se pode formar o novo orador; ou trabalhos teológicos como a *Dissertação sobre a defenibilidade do dogma da Conceição*, como participação numa polémica pública ou *Vida Cristã*, onde Cenáculo expõe o Catecismo, um *Retrato de*

Jesus Cristo, Meditações sobre o Padre-Nosso; Psalms de David; algumas traduções; enfim, Cuidados Literários do Prelado de Beja em Graça do Seu Bispado, de 1791 (escrito em 1788), é trabalho vasto com 552 páginas, contendo muita erudição filosófica, composto em momento de lazer com o fim de instruir e educar a juventude. A obra revela, segundo a crítica, algumas falhas quanto ao plano, repetições, citações dispensáveis e um estilo nem sempre muito claro. Já o seu *Diário* contém muita informação útil para compreender melhor a época e sua ambientação, com dados, factos, personagens, episódios.

De acordo com Francisco da Gama Caeiro, Cenáculo teve uma actuação filosófica que se caracteriza fundamentalmente por três vectores, a saber:

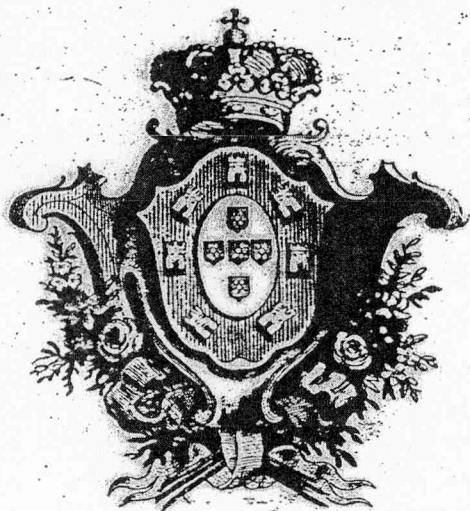
- primeiro, a crítica da Escolástica e do aristotelismo (a aristotelmia, como Cenáculo talvez gracejasse), sobretudo a crítica do seu formalismo silogístico e abstraccionista;
- em seguida, o matematismo ou matematicismo;
- por fim, o gosto do real, para se recorrer a uma expressão cunhada por mestre Hernâni Cidade (Caeiro 1959: 24, 42-44, 100-101, 116-117, *passim*).

Interessou-se igualmente por Bossuet e, muito particularmente, por Raimundo Lulo, tentando até reintroduzir o pensamento do catalão em Portugal.

A figura de Dom Frei Manuel do Cenáculo de Villas-Boas e sua acção em vários campos já mereceu aprofundados estudos de ilustres investigadores, tanto nacionais como estrangeiros. Esta nossa revisitação de Cenáculo repousa, por ora, fundamentalmente no estudo de duas monografias: a de Francisco da Gama Caeiro com data de 1959 e o sólido trabalho de Jacques Marcadé de 1978. Caeiro centrou a sua investigação sobre a actuação filosófica do prelado. Nesse estudo, chegou-se a uma síntese lapidar na qual se condensaram os três aspectos julgados fundamentais no pensamento do franciscano, já referidos. Os ensaios de Pedro Calafate sobre Cenáculo deverão, outrossim, bastar a Gama Caeiro.

Estas três componentes do pensamento cenaculano não conseguem, contudo, e segundo a opinião do próprio Caeiro, pôr de parte a «extrema complexidade do seu pensamento, que, por vezes, não abunda em clareza» (Caeiro 1959: XI). O seu estilo é qualificado por alguns autores de compacto e difuso.

CUIDADOS
LITERARIOS
DO
PRELADO DE BÉJA
EM GRAÇA
DO SEU BISPADO.



LISBOA:
NA OFFICINA DE SIMÃO THADDEO FERREIRA.

ANNO M. DCC. XCI.

1791

*Com Licença da Real Meza da Commissão Geral sobre o
Exame, e Censura dos Livros.*

Pag. 1.

A O A M A D O C L E R O ,

E

F I E I S D A N O S S A D I E C E S E

S A Ú D A S E U P A S T O R

Fr. MANOEL BISPO DE BÉJA.

HAVEMOS considerado sempre as causas da Religião, e dos costumes com tanta dependencia das letras depois da graça Divina, que já mais nos tem parecido sobejas as diligencias em promover seu estudo; nem agora que mais sobre Nós peza este cuidado, quizemos desaproveitar algumas reflexões a beneficio dos estudos, retirando-as do conhecimento de nossos encarregados, e mais particularmente daquelles sujeitos, em cujas louvaveis fadigas havemos depositado a disciplina dos Ordenandos. ; Que feliz he a planta sendo tomada por Sol benigno ! Se desta reflexão nutre o Magisterio da mocidade, ajudemo-lo com este officio, reforço de doutrinas que noutras occasiões temos persuadido, pois o Magisterio he Sol, que sobre a mocidade vai desfazendo orvalho brando; e quando assim convem, espalha chuva copiosa, e temperada, ou grande calor, sendo tudo repartido nas estações proprias.

A constituição de hum Ordenando: os fins, para que elle se encaminha: quaes sejam os officios, para que se dispõe, são cousas, que a cada hora devem estar na consideração, tanto dos discipulos, como dos instructores. Nos Ordenandos, que frequentão estudos, tem fitos os olhos suas familias, e os povos: O mundo espera-os ricos sahindo de thesouros: ; Quanto se não deverião agastar os homens, vendo suas esperanças desprezadas? Não deixará em verdade de ser justo seu enfado, se nem dos legados dos mortos nos excellentes livros, nem das graças dos viventes no ensino dos Professores conhecerem os homens não se haver aproveitado a mocidade.

A

A

Tal falta de clareza seria devida, pelo menos em parte, à própria natureza e contradições do *Iluminismo*, em geral, e do *Iluminismo católico* acompanhado do *Eclectismo* epocal, em particular.

Por outro lado, uma obra vastíssima, talvez ainda não totalmente inventariada e mesmo de difícil acesso em que abundam os autógrafos, não ajuda a que se tracem, para já, coordenadas sólidas sobre esta grande figura do Iluminismo católico e eclético em Portugal.

A obra de Marcadé fornece-nos uma visão sólida da vida social, económica e religiosa do Baixo Alentejo calcorreado por Cenáculo como bispo pacense, na sua acção pastoral e de homem de Letras com múltiplos interesses, nomeadamente no campo da Arqueologia. A obra também apresenta um estudo semelhante relativo à região adstrita ao arquipiscopado de Évora.

A sua bibliografia activa compõe-se de elevado número de obras, muitas delas de vasta extensão, umas impressas ainda em vida do bispo, outras postumamente e outras ainda manuscritas, datadas ou não.

Devem-se a Francisco da Gama Caeiro e a Jacques Marcadé as bibliografias mais completas e mais bem ordenadas. Na de Caeiro, figuram 117 manuscritos datados e 56 sem data num total de 173 autógrafos de extensão diversa. Quanto a obras impressas, contam-se 71 publicadas em vida do autor e 5 postumamente num total de 76 obras impressas. Esta bibliografia cenaculana perfaz 249 títulos, sem esquecer uma epistolografia abundantíssima de mais de cinco mil cartas, reunidas por Armando Nobre Gusmão, espólio hoje existente na Biblioteca Pública de Évora.

Pelos numerosos e diversificados contactos epistolares com seus agentes e correspondentes para aquisição de livros provenientes de toda a Europa, sabe-se que (à semelhança dos irmãos Moehadano em Espanha, autores da *Historia Literaria de España: origen, progresos, decadencia y restauracion de la literatura española*, aliás, émulos dos Benditinos franceses de Saint Maur com a sua *Histoire Littéraire de France* em 10 volumes) Cenáculo pretendia realizar uma *História Literária de Portugal*, com um grupo de colaboradores, mas o projecto ficou por realizar. Eram muitas as tarefas deste homem. Ordenamos alfabeticamente, a título de curiosidade, os tipos de texto existentes na bibliografia cenaculana para se ficar com uma ideia de tal espólio em termos linguístico-literários, enquanto, por outra parte, nos consciencializamos da variedade de competências e actividades do prelado: alvarás, atestados, avisos, cartas, censuras, certidões, circulares, co-

mentários, comentários hagiográficos, desenhos comentados, determinações, diários, discursos, disposições, dissertações, editais, elogios, elogios fúnebres, exercícios espirituais e litúrgicos, epigramas latinos, epitáfios latinos, estatísticas eclesiásticas, extractos, formulários, informações, instruções, listas de livros, mapas, meditações, memórias históricas, minutas, notas, notícias, necrológios, orações, pareceres sobre estudos e cânticos litúrgicos, pastorais, patentes, preces, provisões, reflexões, regulamentos, relação de factos, retratos, sátiras, saudações, sermões, termos de consagração, traduções e tratados.

4. Cenáculo pedagogo

A informação segura de que dispomos permite, embora com carácter provisório, recheado de prudência, perceber já hoje algumas linhas mestras da acção de Cenáculo como pedagogo de grande alcance para a cultura portuguesa da época. Encaramos a acção de Cenáculo como pedagogo em várias frentes: como preceptor do Príncipe da Beira, mais tarde designado Príncipe do Brasil; como reformador dos estudos primários e secundários; enfim, como reformador dos estudos na *Ordem Terceira* e co-reformador dos Estatutos da Universidade de Coimbra, sem esquecer a sua actividade de mecenas, de criador de academias e de museus, de fundador de bibliotecas e de fomentador da cultura portuguesa.

Como preceptor, sabemos que a sua acção se enquadra numa linha de alguma tradição — a ciropedia ou a educação do Príncipe.¹⁰ Mas Cenáculo fala pouco do seu papel de preceptor. Antes de ser instruído por Cenáculo, o Príncipe da Beira teve um mestre de ler e de escrever. Cenáculo foi escolhido para preceptor, sendo preferido ao Pe. Figueiredo, após já ser confessor do Príncipe há dois anos; e irá ser, entre as

10 A tradição da ciropedia portuguesa começa provavelmente com Fernão Lopes no *Prólogo da sua Crónica de D. João I* e passa, entre outros, por: Fr. António de Beja: *Breve Doutrina e Ensinança de Príncipes*, Lisboa: Germão Galhardo, 1525; Lourenço de Cáceres: *Condições e Partes que há de ter um Bom Príncipe* (ca. 1525, 1528); Lourenço de Cáceres: *Tratado dos Trabalhos do Rei* (ca. 1544); Francisco de Monzón: *Libro primero del espejo del principe cristiano*, Lisboa: Luis Rodrigues, 1544, 2º ed. 1571; António Pinheiro: *Da Criação dos Príncipes* (ca. 1545); Sancho de Noronha: *Tratado Moral de Louvores e Perigos Dalguns Estados Seculares*, Lisboa, 1549; Diogo de Teive: *Institutio Sebastiani primi*, Lisboa, 1558 e Lisboa, 1565; Fr. Jerónimo de Osório: *De Regis Institutione et Disciplina*, Lisboa: Francisco Correia, 1572.

suas muitas actividades, também responsável pela educação do Príncipe durante sete anos. O horário do Príncipe era um tanto severo. Uma criança de sete anos levantava-se às oito horas, assistia à missa das nove, tinha lições de manhã, desde as dez até às doze e quinze; de tarde, das quinze às dezasseis. Há um Lambert que foi nomeado professor de Francês. Cenáculo ensinava Geometria, História de Portugal, algum Latim e Noções de Filosofia. O próprio Cenáculo recebia as candidaturas dos professores: uma de António Castrioto, solicitando um lugar. O candidato dizia que podia dar aulas de Física, Mecânica, Química, Francês, Inglês, Italiano, Espanhol, Alemão e Holandês. Outro candidato, Claude Sozzède de Thiers manda dois curricula, um em Francês e outro em Latim. Afirma que pode dar lições de Esgrima e de Equitação ao Príncipe. A actividade como preceptor não motivará, porém, Cenáculo a escrever nenhum tratado de educação.

Há, por outro lado, críticas ao trabalho de Cenáculo como preceptor por parte de um austríaco, Lebzelter, do governo de Viena em 1776, num relatório em que se refere ter Cenáculo descurado a educação do Príncipe. Segundo outros, a afectação do Príncipe derivaria da educação recebida e não teria tanto a ver com a sua personalidade.

Existe um texto¹¹ onde o rei D. José prescreve as instruções a observar nos aposentos do neto, redigido na altura em que a criança fizera sete anos, a idade «da passagem aos homens» como se dizia na época. Verifica-se a preocupação de evitar que a criança contacte pessoas de modesta condição, determina-se o seu quase isolamento, limitando os contactos a um reduzido grupo de cortesãos e professores, cuja missão consistia em disciplinar o educando, quer dizer, refreando-lhe a espontaneidade infantil confundida com teimosia. O rígido horário do Príncipe preenchido por mil afazeres (o próprio Cenáculo reconhecia a demasia de preceitos e regulamentos), previa escassos períodos de recreio e só eram admitidos adultos nas brincadeiras da criança.

Em 1774, um pintor, Miguel António do Amaral, retratou o então Príncipe da Beira (com cerca de catorze anos) como um pequeno adulto a fim de dar maior credibilidade aos seus dotes intelectuais e artísticos simbolizados:

11 Cópia da Instrucção e Ordens que sua Magestade foi servido dar para se observar no quarto do Príncipe Nosso Senhor. Cód. no. CXXIX/1-17 da Biblioteca Pública de Évora, fls. 231-237; cf. também Caeiro (1959: 88).

- no globo terrestre (Geografia);
- na lira e na pauta (Música);
- no busto (Escultura);
- na paleta e nos pincéis (Pintura);
- na planta de um edifício (Arquitectura);
- enfim, em vários tipos de armas.

No século XVIII, a maturidade precoce era apreciada num jovem e ainda mais se eventualmente estivesse destinado a reinar. Então, a infância deveria ser, de preferência, humanista, conforme a doutrina de António Pinheiro (séc. XVI) num pequeno tratado de educação. Este autor é, porventura, o primeiro a ocupar-se cientificamente, em língua portuguesa, da educação do Príncipe, desde uma fase lúdica de aprendizagem da leitura e da escrita até aos 12 anos, altura em que também já deve dominar o latim, a língua oral e escrita, para se alargar a outras disciplinas até aos quinze anos, a fim de se preparar para as altas funções de Estado. O comportamento avisado do príncipe é motivo de louvor para Frei Manuel do Cenáculo.

Na oração fúnebre por alma do príncipe, seu querido ex-pupilo, o inconsolável bispo revela aos paroquianos bejenses que quando o príncipe se distraía do estudo, logo reconhecia a desatenção e prometia emendar-se dessas coisas de pouca idade. Ou quando Cenáculo lhe fez um reparo por certa falta, o Príncipe desculpou-se culpando o seu confessor e preceptor: «Quem tem a culpa é o meu confessor, que não está há mais tempo comigo» (Caeiro 1959: 87).

Pelo menos teoricamente, Cenáculo é, à época, um pedagogo moderno. A sua didáctica vai do simples ao complexo e parte do concreto para o abstracto. Começa os *Cuidados Literários*... assim:

Havemos considerado sempre as causas da Religião, e dos costumes com tanta dependência das letras depois da graça Divina, que já mais nos tem parecido sobejas as diligencias em promover seu estudo (Cenáculo 1791: 1).

E prossegue, referindo-se aos ordenandos:

Que feliz he a planta sendo tomada por Sol benigno! Se desta reflexão nutre Magistério da mocidade, ajudemo-lo com este officio, reforço de doutrinas que noutras ocasiões temos persuadido, pois o Magistério he Sol, que sobre a mocidade vai desfazendo orvalho brando; e quando assim convem, espalha chuva copiosa, e temperada, ou grande calor, sendo tudo repartido nas estações proprias (Cenáculo 1791: 1).

Interessante é a metáfora iluminista do Sol, que se repete em poucas linhas. Sobre Sisenando, mártir e sábio, «hum filho [...] que a Divina Providencia deo a Beja», escreve Cenáculo:

[...] sigillou pelo martirio o maior dos testemunhos a que podem chegar os homens, as afeições com que prezava as verdades reveladas pelo Ceo benigno para attrahir desmerecedores alucinados. Seos dias foram calamitosos, pois, que os idolatras da humanidade enganadora emproavam suas cabeças ferozes, e cahião de arremesso terrível contra os que advertidos conhecião o erro e os deslizes humanos, e os sogeitavão á Ley, e legitima razão. Quando acontecia serem mortificadas estas bemaventuradas Filhas de Deos, a Ley e a Rasão, forão mui denodados os Sisenandos para dezenganarem, que a Carne e Sangue, que em todos hade morrer, só quando servem á boa e perpetua causa, isto é a causa da justiça e da verdade limpa, e segura, tem valor e merecimento, maior que todas as pomposas fraquesas dos mortaes (Cenáculo ap. Delgado 1946: 356).

Discurso bem actual este sobre «a causa da justiça e da verdade...», a «boa e perpetua causa», antídoto de muito discurso reinante neste «nosso bravo mundo novo».

Cenáculo como reformador do ensino primário e dos estudos menores vai colaborar com Pombal como se fosse uma espécie de Ministro da Educação dos nossos dias. Nas reformas radicais produzidas na sua esfera de empenhamento, criará com Pombal 925 postos de ensino público, estabelecendo a Filosofia Racional em vários núcleos de estudo espalhados pelo país.

A reforma implicava a substituição dos manuais de ensino dos jesuítas e a criação de novos materiais, a contratação de novos mestres de ler e escrever, assim como de professores, a criação de novos postos e respectivo financiamento.

Este financiamento foi feito em parte com um novo imposto, chamado subsídio literário, tributando a água, o vinho e a aguardente. De acordo com um Decreto-lei da época e a mero título de exemplo, o Decreto Real de 06.11. 1772, confia-se à *Real Mesa Censória*, a que preside Cenáculo, a tarefa de executar a reforma do ensino a partir da escola primária com mestres de ler e escrever. Aquele Decreto previa a criação de lugares de professores primários para postos em Portugal e nas colónias. Nos estudos menores, previa-se a criação de professores de Latim, de Grego, de Retórica e de Filosofia.

Cenáculo já se ensaiara como reformador dos estudos na Ordem Terceira onde se lhe atribui muito êxito e participará como reformador do ensino superior nos Estatutos da Universidade de Coimbra de 1772.

O curso de *Artes* será substituído pela *Faculdade de Filosofia*, mas enquadrado entre os estudos menores que dão acesso às quatro Faculdades. Nos estudos menores se estuda Filosofia Racional e Filosofia Natural que abrangia ciências físicas e naturais.

Cenáculo fará certamente incidir a marca da sua influência no curso de Teologia. Para ele, Teologia é o conjunto de Revelação bíblica, Patrística e Tradição. Na sua crítica à Escolástica, reprova a

[...] fuga pela abstracção às coisas reais e naturais, à Revelação e à Tradição que são coisas de facto. O Franciscano quer a verdade de contornos nítidos, postos pelas palavras bíblicas que a exprimem e a definem precisamente, rigorosamente, como linhas geométricas (Caeiro 1959: 44).

Nos estatutos, a parte relativa à Teologia contém seis títulos. Está bem descrita num artigo de Manuel Augusto Rodrigues: «A Faculdade de Teologia da Universidade de Coimbra e a Reforma Pombalina».¹² O curso teológico era de cinco anos e abrangia as seguintes disciplinas: *História Eclesiástica*, *Teologia Dogmático-Polémica*, *Teologia Moral*, *Teologia Litúrgica*, *Sagrada Escritura (Novo e Velho Testamento)* e *Teologia Canónica*. Evocamos aqui apenas a parte da Liturgia, dada no quarto ano e a Exegese dada no quinto ano do curso.

A Liturgia é uma matéria onde, segundo consta, Cenáculo, grande especialista, terá deixado a sua marca. Além do latim e do grego, Cenáculo era um entusiasta das línguas orientais (árabe, siríaco, hebraico) e exerceu a sua influência para que o hebraico se tornasse curricular na Teologia. É também à Teologia que são consagrados mais considerandos, nomeadamente, à sua história, às colecções de livros litúrgicos, ao surto das várias liturgias, dos vários ritos, das cerimónias, aspectos da história e da crítica, da Teologia sacramental, assim como questões relativas ao culto das imagens, aos quadros religiosos, tudo sendo tratado na leccionação desta cadeira que pela primeira vez figurou em Estatutos de uma Universidade. Na Exegese Bíblica, é na Sagrada Escritura que o teólogo pode atingir o grau máximo de perfeição. Constitui a ciência sagrada «par excellence». Embora perpassasse todas as matérias, ocupa um lugar central nos estudos como hermenêutica especializando-se em hermenêutica gramatical, hermenêutica retórica, hermenêutica histórica, hermenêutica lógica, hermenêutica teológica, hermenêutica etiológica, hermenêutica escolástica e hermenêutica popular. Enumeram-se então os diversos modos de interpreta-

12 Em: *Como Interpretar Pombal?* (1983: 255-273).

ção textual, nomeadamente por paráfrases, por breves notas, por escólios, por glosas, por homilias, por sermões, por compilações dos papas, por comentários elaborados com cuidado e diligência, por sumas e compêndios, enfim, por questões selectas e dissertações. Dos diversos sentidos bíblicos (literal ou metafórico, místico ou anagógico, alegórico ou moral) o literal é o mais seguro, pois dele tão somente se pode deduzir argumento certo e firme para a prova da Religião, enquanto as interpretações místicas e alegóricas devem evitar-se cuidadosamente.

A reforma dos Estatutos abrange as quatro Faculdades: Teologia, Jurisprudência Canônica, Leis ou Jurisprudência Civil e Medicina. A esta última nos referiremos no excurso seguinte.

Os estudos de Medicina sofreram modificações radicais e há um estudo de Miller Guerra que avalia bem a extensão dessas mudanças, intitulado «A Reforma Pombalina dos Estudos Médicos»¹³.

As influências determinantes neste campo devem-se a Ribeiro Sanches, contra a medicina antiga (Galeno) e medieval (Avicena, Pedro Hispano). O corpo docente foi renovado com grandes mestres, nomeadamente, Manuel Constâncio, pelo prestígio que conferiu à Anatomia e à Cirurgia. As grandes influências na renovação dos estudos médicos passam por Jacob de Castro Sarmiento, Luis António Verney e Ribeiro Sanches, embora nem sempre concordantes. As grandes referências mantêm-se na continuidade do espírito de Hipócrates e entre elas contam-se Vesálio (para a Anatomia no corpo humano e não mais no corpo de um carneiro), Boerhaave¹⁴ e Sydenham¹⁵ que operam o trânsito da medicina antiga para a clínica moderna com observação, diagnóstico e terapêutica ou, em seguida, anamnese do paciente e observação do doente, diagnóstico, tratamento terapêutico e verificação anátomo-patológica, caso o doente venha a falecer. Além de Hoffmann¹⁶, Harvey¹⁷ é, com a descoberta da circulação sanguínea

13 Em: *Como Interpretar Pombal?* (1983: 277-295).

14 Herman Boerhaave (1668-1738), físico, anatomista, botânico, químico e humanista holandês.

15 Thomas Sydenham (*Dorset 10.09. 1624; †Londres 29.12. 1689), médico inglês, autor de *Observationes Medicae* adoptado como texto de base para o estudo da Medicina durante dois séculos. Renovou a clínica baseando o tratamento em observações pormenorizadas do paciente e pondo de lado a especulação.

16 Hoffmann, Friedrich (1660-1742), médico alemão, conhecido patologista. O Sinal de Hoffmann observa-se na tetânia.

e com o seu método experimental, outra das referências valiosas para a reforma dos estatutos.

Ribeiro Sanches foi discípulo do Dr. Boerhaave, o qual recebeu uma vez uma carta da China endereçada apenas a Dr. Boerhaave, Europa. O certo é que a carta lhe foi parar às mãos, tal era a sua fama à época.

Dispomos desde 1972 de uma reedição dos *Estatutos da Universidade de Coimbra* de 1772, em três volumes (o primeiro com 252 páginas, o segundo com 642 e o terceiro com 270 páginas). Este material pode constituir uma fonte preciosa para estudar muitas facetas do Iluminismo em Portugal, sobretudo as suas incidências no desenvolvimento dos curricula científicos.

Não faremos por ora nenhum balanço em relação a Cenáculo. Pareceu-nos detectar algumas contradições no seu pensamento e na sua acção, tanto na sua atitude para com os jesuítas (a sua «odiosidade»), como em relação à Escolástica, de novo revalorizada nos últimos anos de sua vida, após alguns desmandos ocorridos durante a *Revolução Francesa*.

Por vezes, pensamos que é a favor da democratização do ensino; noutros contextos, parece-nos ser elitista. Alguma coisa já conhecemos dele, muito mais ficou por conhecer, à espera de aturada e atenta investigação.

Cenáculo é um pedagogo multifacetado, tendo-se interessado por uma infinidade de assuntos que passam por muitos campos da saber como a Lógica, a Filosofia e a Teologia nas suas muitas disciplinas (Exegese, Hermenêutica, Liturgia), a História e suas ciências auxiliares (Arqueologia, Paleografia, Epigrafia, Numismática), a Filologia (clássica e oriental) e outras matérias científicas.

É uma personalidade panepistemológica. Fundou na velha *Pax Julia* o primeiro *Museu Público de História Natural* dos tempos modernos e na cidade fez funcionar uma *Academia Eclesiástica*. Como eclesiástico, historiador e político muitos anos perto do poder, como reformador e preceptor de D. José, Príncipe da Beira, como filósofo e «restaurador das nossas letras» no dizer do Abade Correia da Serra (Marcadé 1978: 477),¹⁸ como fundador de bibliotecas, de museus e

17 Harvey, William (*Folkstone 01.04. 1578; †Hampstead 03.06. 1657) médico inglês, anatomista e fisiologista, descobriu em 1628 a circulação sanguínea. É também co-fundador da pesquisa embriológica.

18 Cf. também Biblioteca Pública de Évora, CXXVII/2-3, no. 2868, 31.12.1778.

como bibliófilo, como colecionador de achados líticos arqueológicos (Viana 1952b) e de moedas, enfim, como humanista que praticava a caridade na aflição dos pobres e se consciencializava do problema social a seu modo, em todos os campos, a sua «revisitação» (numa obra vasta e na consideração de que reerigiu o bispado pacense reatando o fio do bispado godo após os longínquos Apríngio, Isidoro, o patrono Sisenando, o confessor Tiberino, Helias Mártir e Santo Atto), a sua «revisitação», dizíamos, ostenta para nós muitas dificuldades de apresentação, mas aceitámo-las de bom grado como um repto do passado que desafia o futuro.

Antes de terminar, gostaria de contar aqui apenas um episódio da vida de Cenáculo, que perdura na memória do povo de Beja e que me chegou por via da oralidade existente no Alentejo.

Conta-se que Cenáculo ouviu falar de um pastor de ovelhas, analfabeto e poeta repentista, que pastava seu gado nos termos de Beja. Um dia, Potra (por este nome era conhecido o repentista, da aldeia de S. Matias) foi convidado ao Paço episcopal pelo príncipe da igreja católica e este pediu-lhe um verso. Potra, após alguma hesitação, por se sentir pouco à vontade entre o bispo e demais sacerdotes, solicitou então um mote a que Cenáculo imediatamente acedeu:

Nós ambos somos pastores!

E logo o bispo pacense bateu as palmas para que todos em redor sossegassem.

Foi então que Potra, compôs a décima conhecida (10 versos de setecílabo/redondilha maior) que se seguiu ao mote de Cenáculo:

Senhor meu, batei as palmas
Mas nós não somos iguais
Vós sois pastor de almas
E eu sou pastor de animais
Sofro do tempo os rigores
Sofro frio e sofro calmas
Vós brilhai entre os doutores
Servindo aos sábios de exemplo
Eu no prado e vós no templo
Nós ambos somos pastores.

Consta que o erudito antístite apreciou imenso o poema do repentista, tratando-o, em seguida, por «colega» e convidando-o a ir de visita ao Paço sempre que estivesse na cidade.

Aqui e agora dou por terminado, mas não concluído, este pequeno escrito sobre D. Frei Manuel do Cenáculo Villas-Boas de quem o

Príncipe da Beira e Príncipe do Brasil, seu malogrado pupilo, afirmou um dia: «[...] é o maior bispo que tem o reino e o mais perfeito que tem a Igreja» (Marcadé 1978: 1; 66).¹⁹

E que foi bispo da minha terra, na altura mais conhecida como

Beja, terra sem fé

nem sé

Sem fonte

nem ponte (Marcadé 1978: 136)

Aqui me interrompo como uma ovelha desgarrada de todos os bispos pacenses!

Bibliografia Activa:

Cenáculo, D. Frei Manuel do: *Cuidados Literários do Prelado de Beja em Graça do seu Bispado*, Lisboa: Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1791 (terminado em Beja em 8. de Dezembro de 1788).

Cenáculo, D. Frei Manuel do Cenáculo Vilas Boas, Bispo de Beja e Arcebispo de Évora, *Diário*, Fragmento copiado do Tomo 5º: 1794 a 1811; cota: códice CXXIX/1-21, fólios 56 vº e 57.

Cenáculo, D. Frei Manuel do (1887): *Memória Descritiva do Assalto, Entrada e Saque da Cidade de Évora pelos Franceses em 1808*, Évora: Minerva Eborensis.

Bibliografia Passiva:

Bahr, Ehrhard (ed.) (1974): *Was ist Aufklärung?* Kant, Erhard, Hamann, Herder, Lessing, Mendelssohn, Riem, Schiller, Wieland, Stuttgart: Philipp Reclam jun.

Caeiro, Francisco da Gama (1959): *Frei Manuel do Cenáculo. Aspectos da Sua Actuação*, Lisboa: Instituto de Alta Cultura.

Calafate, Pedro (1989a): «Cenáculo Villas Boas (Frei Manuel do)», em: *Logos, Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia I*, Lisboa: Verbo, pp. 934-940.

Calafate, Pedro (1989b): «Cenáculo», em: *Biblos. Enciclopédia Verbo das Literaturas Portuguesas*, Lisboa: Verbo, 1995, colunas 1090-1092.

Cassirer, Ernst (1998): *Die Philosophie der Aufklärung*, Hamburg: Felix Meiner Verlag.

19 Cf. também Biblioteca Pública de Évora CXXVII / 2-4, no 2922, carta de Fr. José Guillermo.

- Cidade, Hernâni (2005): *Ensaio sobre a Crise Cultural do Século XVIII*, Lisboa: Editorial Presença.
- Coelho, Jacinto do Prado (1984): *Dicionário de Literatura*, Porto: Figueirinhas.
- Como Interpretar Pombal?* Lisboa: Brotéria, 1983 (vários contributos muito valiosos de Manuel Antunes, Jorge Borges de Macedo, António Leite, Eduardo Brazão, Mário Júlio de Almeida Costa, Luís A. De Oliveira Ramos, Manuel Simões, Maria Adelaide Salvador Marques, Rómulo de Carvalho, Joaquim Ferreira Gomes, Manuel Augusto Rodrigues, Miller Guerra, Manuel Nunes Dias, Eduardo Gonçalves Rodrigues).
- Delgado, Manuel Joaquim (1946): «Sisenando Mártir e Beja sua Pátria». Cópia fiel do manuscrito assim intitulado de D. Frei Manuel do Cenáculo Villas-Boas, existente na Biblioteca Pública de Évora, e considerações preliminares), em: *Arquivo de Beja*, série I, vol. 3, fasc. III-IV, Jul.-Dez., pp. 352-362.
- Lepenies, Wolf (1976): *Das Ende der Naturgeschichte. Wandel kultureller Selbstverständlichkeiten in den Wissenschaften bis 18. und 19. Jahrhunderts*, München / Wien: Hanser.
- Machado, Álvaro Manuel (ed.) (1996): *Dicionário de Literatura Portuguesa*, Lisboa: Presença.
- Marcadé, Jacques (1978): *Frei Manuel do Cenáculo Villas Boas, Évêque de Beja, Archevêque d'Évora (1770-1814)*, Paris: Gulbenkian, F. C. / Centro Cultural Português.
- Marques, António Henriques de Oliveira (1995): *Breve História de Portugal*, Lisboa: Presença.
- Martins, António Coimbra (1966): «Luzes», em: Serrão, Joel (ed.): *Dicionário de História de Portugal*, vol. II, Lisboa.
- Maxwell, Kenneth (1995): *Pombal, Paradox of the Enlightenment*, Cambridge: University Press.
- Pinheiro, António (ca. 1545): *Da [criação] dos Príncipes*, fragmento na Biblioteca Pública de Évora, CXII-1-21, fls. 48r-60v.
- Saraiva, António José / Lopes, Óscar (1996): *História da Literatura Portuguesa*, 17ª edição, Porto: Porto Editora.
- Thielemann, Werner (ed.) (2001): *Século XVIII: Século das Luzes — Século de Pombal*, Frankfurt/Main: TFM.
- Viana, Abel (1952a): «Epigrafia Pacense. As pedras de Cenáculo», em: *Arquivo de Beja*, série I, vol. 9, fasc. I-IV, Jan.-Dez., pp. 3-17.
- Viana, Abel (1952b): «A Arqueologia do Baixo Alentejo na obra do Bispo pacense, D. Frei Manuel do Cenáculo Vilas-Boas», em: *Arquivo de Beja*: série I, vol. 9, fasc. I-IV, Jan.-Dez., pp. 118-127.